

NOVAS LEITURAS

Meu interesse pela literatura continua inalterado, em especial pela latino-americana, que leio desde os tempos do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, seja dentro do trem de subúrbio da Central do Brasil que me levava a Mogi das Cruzes ou em ônibus sacolejantes “gaseados a prestação”, como cantava o Tomzé naqueles idos anos 1970 na Pauliceia Desvairada. Continuo preferindo ler livros em papel à telinha pequena do celular ou tablet.

Nos últimos meses, tivemos a perda do grande escritor peruano Mario Vargas Llosa, um reacionário na política mas gigante em sua ficção, seus romances são extraordinários, tanto que o levaram ao Prêmio Nobel de Literatura em 2010. Li e tenho em minhas estantes (sim, elas ainda resistem em minha casa) dentre outros livros do Vargas Llosa, exemplares de “Conversas na catedral”, “A cidade e os cachorros”, “Guerra do fim do mundo”, “Lituma nos Andes”, “A festa do bode”, “A menina má”, “Cinco esquinas”, “Tempos Ásperos”, “Tia Júlia e o escrevinhador” e “Pantaleão e as visitadoras”, esses dois últimos os meus prediletos pelo humor que me arrancou gargalhadas enquanto lia.

Outro livro que li recentemente e adorei foi “Oswaldo Corrêa Gonçalves – arquiteto cidadão”, que mistura boa arquitetura e boa literatura. O trabalho de Gino Barbosa e Ruy Franco editado pelo SESC é um primor, seja pelas obras que descreve em desenhos, fotos e textos, seja pela história de vida do arquiteto modernista, sempre envolvido com mil projetos a serviço da coletividade e da consolidação da profissão dos arquitetos, como escolas, centros culturais, clubes e edificações de moradia coletiva. Hugo Segawa diz tudo: “ o livro é um magnífico tributo a esse improvável personagem nos dias de hoje, seu perfil paradoxal de dândi e ativista, de alguém que tinha trânsito nas esquerdas e com os militares parece espelhar as contradições do Brasil do pós-Segunda Guerra Mundial”.

Também terminei a leitura e recomendo o novo romance de Chico Buarque, intitulado “Bambino a Roma”, que mistura realidade e ficção para contar a infância de um garoto como ele que viveu a infância na capital italiana, quando seu pai recebeu uma bolsa de estudos e foi lecionar na universidade local, acompanhado de sua família. As brincadeiras na rua, a vida na escola, o cinema como eixo central da cultura é outro aspecto atraente do livro. Chico é apenas um pouco mais velho que eu, as lembranças da infância são próximas. Os filmes que queríamos ver no cinema, as mais belas atrizes, a seleção brasileira daqueles tempos, o futebol jogado na rua, as brincadeiras e folguedos, a escola como eixo da vida e do aprendizado, as caminhadas que permitem o descobrimento da cidade em que vivemos, tudo isso está presente na minha infância tal como Chico descreve em sua Roma mesclando ficção e realidade. A grande diferença é que escreve bem melhor que eu.

Mauro Ferreira é arquiteto